

SAUSP.DOC

JANEIRO/FEVEREIRO DE 2018



Foto - Acervo do IEB

Arquivos de Pessoas...

Ricas ou pobres, anônimas ou famosas... ao longo da vida, todas as pessoas acumulam documentos. Sim, todos nós temos o nosso próprio arquivo, embora nem sempre nos lembremos disso. Boa parte dos documentos que reunimos tem a ver com os deveres civis, a garantia de direitos, com a nossa identidade na comunidade e no sistema jurídico em que vivemos. São eles que nos permitem comprovar situações e regulam a nossa relação com o Estado e com as instituições. Tantos outros são acumulados em virtude do exercício profissional e há ainda aqueles que guardamos simplesmente porque queremos, como forma de materializar os laços familiares, sociais e afetivos e as nossas memórias.

O prestígio, a projeção social ou o destaque que alguns indivíduos alcançam faz com que seus arquivos ganhem um valor secundário, suscitado pela própria figura de seus titulares (ou seja, as pessoas que os acumularam) ou pelo interesse nas

áreas em que atuaram e adquiriram notoriedade. Seus arquivos passam, então, a interessar à pesquisa especializada nos mais diversos campos do conhecimento, o que justifica sua preservação e difusão pelas instituições de custódia, entre as quais os arquivos públicos, os centros de memória e, eventualmente, as bibliotecas e os museus.

Ao contrário dos arquivos institucionais, geralmente constituídos de processos e outros documentos eivados de valor administrativo, legal, técnico ou financeiro, os arquivos pessoais reúnem material variado, muitas vezes produzido em suportes e formatos inusitados. Agendas de compromissos, cadernos de apontamentos, diários íntimos, a correspondência, fotografias, desenhos, discos, livros e souvenirs, entre tantas outras coisas que compõem o arquivo de uma pessoa, dão ao conjunto um contorno fluido, não raro indefinido, e lhes conferem certo charme que,

às vezes, “enfeitiça” o pesquisador, que, ao se deparar com os vestígios de uma vida, chega a imaginar estar diante de uma “narrativa” cuidadosamente construída, de um “legado” minuciosamente arquitetado ou mesmo de um canal de acesso direto à memória dos outros.

Contudo, os arquivos são formados num processo natural, orgânico, de caráter mais prático que subjetivo. Dificilmente nos damos conta de que os documentos, acumulados porque viabilizam as nossas atividades cotidianas, também podem revelar nossas preferências intelectuais, posições políticas, hobbies, manias, obsessões, modos de viver e traços da nossa personalidade. Os arquivos, sejam eles pessoais ou institucionais, são como espelhos da entidade que os acumulou: não têm vida própria e não falam por si sós, como observou a professora Ana Maria Camargo, mas podem oferecer respostas às mais variadas questões que lhes sejam feitas, apesar de suas lacunas e limitações.

Quando se supõe que as universidades devam funcionar exclusivamente para o ensino e a pesquisa dita “científica”, como defendeu o atual reitor em entrevista recentemente concedida ao portal UOL Educação, convém lembrar que a elas também compete um dever social, representado pelas atividades de extensão e de promoção da cultura, nas quais se insere o serviço à comunidade por meio de hospitais, escolas de aplicação, bibliotecas, museus, centros de documentação e arquivos. Neste sentido, a USP responde pela custódia de inúmeros arquivos pessoais e pelo compromisso de dar acesso a eles, cumprindo, assim, parte de sua função junto à sociedade e subsidiando estudos realizados por pesquisadores da própria universidade e de outras instituições.

Um dos mais ricos acervos para o estudo da cultura brasileira se encontra no Instituto de Estudos Brasileiros (cujo setor de arquivo funciona desde 1968), em que arquivos de escritores, músicos, artistas plásticos e historiadores estão abertos à consulta e já deram lastro a um sem-número de estudos. De dimensões mais modestas, mas nem por isso menos relevante, o acervo do setor de arquivo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin reúne fundos e coleções ligados à literatura brasileira e à bibliofilia. Centros de documentação e de memória

Alguns arquivos pessoais que compõem o acervo da USP

IEB

- **Mário de Andrade** (escritor, crítico de arte e folclorista)
- **Camargo Guarnieri** (maestro e compositor)
- **Caio Prado Júnior** (historiador)

Biblioteca Brasileira

- **Zila Mamede** (bibliotecária, poetisa e estudiosa da obra de João Cabral de Melo Neto)
- **Rubens Borba de Moraes** (bibliógrafo)

Centro de Apoio à Pesquisa em História (FFLCH)

- **Samuel Pessoa** (parasitologista e professor da Faculdade de Medicina da USP)
- **Jovina Pessoa** (militante histórica do PCB e de diversos movimentos sociais)

Centro de Documentação Teatral (ECA)

- **Clóvis Garcia** (crítico, cenógrafo e professor da USP)

Centro de Memória da Educação (FE)

- **Diva Sgueglia** (educadora)
- **Laerte Ramos de Carvalho** (diretor da FE-USP)

Museu Republicano (Itu)

- **Edgard Carone** (historiador e professor da USP)

instalados em diversas faculdades e institutos preservam arquivos de personalidades ligadas às artes cênicas, às ciências, à educação... Material de natureza arquivística também pode ser encontrado nas bibliotecas e museus da USP, tanto na cidade de São Paulo quanto no interior do Estado.

Gostaria, contudo, de chamar a atenção para alguns arquivos “esquecidos”. Trata-se dos arquivos de professores da própria universidade, que resistem à passagem do tempo muitas vezes em condições as mais precárias e instáveis. Este foi o tema de pesquisa de mestrado e de um projeto desenvolvido paralelamente pelo Arquivo Geral da USP, do qual tive a oportunidade (e o prazer) de participar. Num trabalho de campo que se estendeu por 49 unidades da USP, pudemos identificar a existência de 280 conjuntos documentais (alguns dos quais arquivos propriamente ditos, tantos outros parcelas ou fragmentos de arquivos) deixados por professores aposentados ou falecidos, alguns dos quais preservados e disponíveis para consulta, tantos outros acondicionados precariamente em depósitos ou mesmo em gabinetes de professores ainda na ativa, os quais reconheciam o valor dos documentos e faziam o

Amélia Império Hamburger

Identificação

Unidade/Órgão custodiador: Instituto de Física

Datas-limite: décadas de 1940 a 2000

Extensão: 55 metros lineares

Conteúdo:

- ⊕ DISCÊNCIA
- ⊕ DOCÊNCIA/PESQUISA
- ⊕ GESTÃO
- ⊕ IDENTIFICAÇÃO
- ⊕ VIDA FUNCIONAL
- ⊕ OUTROS DOCUMENTOS

Suportes/formatos: acetato (transparência), disco magnético (disquete), fita magnética (cassete), fita magnética (VHS), papel, papel fotográfico (ampliação).

Tratamento Técnico/Custódia

Estágio de organização: Não organizado

Divulgação:

Instrumentos de pesquisa: Não há

Histórico da custódia: Após a morte da titular os documentos permaneceram em sua sala. Posteriormente, foram transferidos ao Arquivo Histórico.

Acesso

Condições de acesso: Parcialmente restrito: A consulta está condicionada a aprovação familiar.

Responsável pelo acervo: Walkiria Costa Fucilli Chassot (wchassot@gmail.com)

Localização: Acervo Histórico / Andar: 2º (ala 1) / Sala: 312

Observações

No arquivo da titular há documentos de seu esposo, professor Ernst Wolfgang Hamburger.

Imagem - Formulário de consulta do Banco Docere

o possível para conservá-los.

Estes documentos não se confundem com aqueles reunidos pela administração universitária nas seções de pessoal. Foram acumulados pelos professores ao longo dos anos em que se dedicaram ao exercício da docência, da pesquisa e das demais funções que competiam aos cargos que ocuparam. Oferecem, portanto, um testemunho singular a respeito destas atividades, conferindo uma nova perspectiva àquilo que pode ser extraído, em termos de informação, do arquivo da própria universidade.

Uma das possibilidades que estes arquivos pessoais oferecem é a compreensão, com mais ou menos lacunas, das atividades de docência e pesquisa como processos em desenvolvimento, evidenciando os movimentos de aproximação e distanciamento entre uma e outra. Se o arquivo institucional, composto de documentos criados por força das necessidades administrativas, dá conta de espelhar os resultados finais das atividades ligadas à função do ensino no que tange às estruturas curriculares, ao conteúdo programático das disciplinas, ao funciona-

mento dos cursos e ao planejamento da atividade acadêmica, é bem verdade que não é capaz de documentar a sucessão de estágios e operações que constituem o ato de ensinar e construir o conhecimento, que pode ser apreendida por meio dos apontamentos, das notas de aula, dos materiais didáticos e de tantos outros documentos encontrados nos arquivos dos professores.

Para saber mais...

Projeto Memória Docente
sites.usp.br/projetomemoria

José Francisco Guelfi Campos
Preservando a memória da ciência brasileira: os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo

Dissertação disponível no Banco de Teses da Universidade de São Paulo

Estes arquivos, portanto, guardam um potencial ainda pouco explorado para o estudo da história da universidade sob um ponto de vista diverso e para a construção da memória institucional. Apesar dos esforços realizados para dotá-los de maior visibilidade, os arquivos pessoais de professores ainda permanecem em uma zona de penumbra e é provável que muitas das iniciativas de preservação identificadas durante a condução dos dois projetos de pesquisa (desenvolvidos entre 2012 e 2014) tenham sido descontinuadas.

No período de incertezas que atravessamos, convém olhar para os arquivos tendo em mente aquilo que notou uma renomada arquivista alemã: é neles que podemos encontrar matéria-prima para construir e moldar a memória de forma a entender os problemas do presente e a nos prepararmos para o futuro.

Bibliografia de interesse

Dossiês sobre arquivos pessoais em periódicos

Estudos Históricos, v. 11, n. 21, 1998 (on-line)

Revista do Arquivo Público Mineiro, v. 45, n. 2, 2009 (on-line)

Artigos e livros

Ana Maria de Almeida Camargo

"Arquivos não falam", na coletânea *Arquivos pessoais e cultura* (Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015)

"Arquivos pessoais são arquivos", na *Revista do Arquivo Público Mineiro* (v. 45, n. 2, 2009).

José Francisco G. Campos (org.)

Arquivos pessoais: experiências, reflexões, perspectivas (ARQ-SP, 2017) (on-line)

Luciana Quillet Heymann

O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro (Contra Capa/Faperj, 2012)

Informe de eliminação e recolhimento de documentos

A Lista de Eliminação de Documentos 01/2018 do MP foi publicada no D.O.E de 31 de janeiro 2018. Foram eliminados 2 metros lineares de documentos.

A Lista de Eliminação de Documentos 01/2018 do STI/CeTI-SC foi publicada no D.O.E de 31 de janeiro de 2018. Foram eliminados 3,5 metros lineares de documentos.

A Lista de Eliminação de Documentos 01/2018 da FMVZ foi publicada no D.O.E de 21 de fevereiro de 2018. Foram eliminados 0,75 metros lineares de documentos.

No total foram eliminados 6,25 metros lineares de documentos.

Créditos:

Texto: José Francisco Guelfi Campos

Professor do curso de Arquivologia da UFMG. Bacharel e licenciado em História (2012), mestre (2014) e doutorando em História Social pela USP.

E-mail: jfgcampos@eci.ufmg.br

Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Diagramação: Bruno L. Teodoro